

ESCREVER DIÁRIOS COMO UMA FORMA DE COLECIONISMO

*Atíco Chassot**

Nunca viajo sem o meu diário. É preciso sempre ter alguma coisa sensacional para ler no trem.

Oscar Wilde (1854-1900)¹

RESUMO

Este texto pretende mostrar o quanto a prática de escrever diários pode ser considerada como uma forma de colecionismo. Sem entrar nas discussões acerca do significado, a origem e o sentido do colecionismo e mesmo de suas práticas e efeitos sociais, se descreve uma prática da escrita de diários que se estende por mais de duas décadas. Na resposta a duas interrogações: Por que escrever diários? e Como escrever diários? há a conclusão de que isso possa tratar-se de colecionismo. O texto analisa o prazer da escrita e procura alternativas à dificuldade de escrita de textos acadêmicos. Apresentam-se estudos acerca de significados psicológicos a cerca do escrever de si. Há ainda uma comparação das maneiras mais tradicionais de escritas de diários com aquelas mais modernas como *weblogs* ou, simplesmente, *blogs*.

Palavras-chave: colecionismo; escrita de diários; escrever de si.

WRITING DIARIES AS A WAY OF COLLECTIONISM

This text aims at showing how much the practice of writing diaries may be considered as a way of collectionism. Without entering the discussions about the meaning, the origin and the sense of collectionism, and even of its social practices and effects, we describe a practice of writing of diaries,

* Doutor em Ciências Humanas - Educação pela Ufrgs. Professor no Centro de Ciências Humanas e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Membro do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências do Ilea/Ufrgs. *E-mail:* achassot@portoweb.com.br

¹ Esta citação está no texto “*O umbigo vitoriano*” resenha livro *O coração desvelado* de Peter Gay elaborada por Nicolau Sevckenko para o *Jornal de Resenha* - Folha de S. Paulo, p.8, 12 de junho de 1999.

which has been extended for over two decades. In the answer to two interrogations: Why to write diaries? and How to write diaries? we arrived to the conclusion that it means collectionism. The text analyzes the pleasure of this writing, and searches for alternatives to the difficulty of the writing of academic texts. We present studies about the psychological meanings about writing about oneself. There is also presented a comparison of the more traditional ways of writings of diaries with those more modern ones, such as *weblogs* or, simply, *blogs*.

Key words: collectionism; writing of diaries; writing about oneself.

COMO ABERTURA

Primeiro devo referir aqui uma ousadia. Este número 20 de *Episteme* é dedicado ao colecionismo e me apresento com a pretensão de trazer a minha prática de escrevinhador de diários como sendo a de um colecionista. Não sei se conseguirei provar a minha tese. Prefiro fazer diferente. Vou falar da prática e os leitores, alimentados em discussões presentes em outros textos desta *Episteme*, onde se busca responder a questões como: O que é colecionismo? Qual a sua origem e o sentido? Quais suas práticas e efeitos sociais? Quais suas epistemologias, ontologias, métodos e circunstâncias? poderão validar, ou não, minha pretensão. É claro que assim não estou me desincumbindo de parte de minha tarefa e a deixando para o leitor a mais árdua. Espero ter indulgência por tal.

Também preciso dizer que este texto é uma revisitação ao *Sobre a arte de escrever diários* (Chassot, 2001). Algo dele reaparece aqui. Talvez seja importante referir aqui o quanto aquele artigo, escrito com o propósito de estimular a escrita, já envelheceu. De novo sou pretensioso em querer falar que o texto que está em leitura, agora, é *novo*. Primeiro é o próprio conceito de *novo* que mereceria uma extensa discussão. O que é *novo*? O telefone celular com dois anos de uso ou telefone fixo com 10 anos? Há 15 anos o CD destronou o LP e hoje ele já está com dias contados. Vivemos uma neopatia.² Ela atinge gravemente nossos fazeres. Neopatia é a doença moderna cuja característica é ter sempre tudo novo: o último carro, o último computador, a última versão do Windows. Aliás, esta doença tem diversas síndromes, que afetam as pessoas em momentos diferentes. Há alguns dias, era se ter o último modelo de telefone

² Vi a palavra *neopatia* e sua definição usada por primeiro pelo Prof. Dr. Guy Bajoit, da Universidade Católica de Louvain, em 09 de setembro de 98, então professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.

celular. Hoje, o surto através do qual a neopatia se manifesta é de se ter o último modelo de câmara fotográfica ou ainda a associação dos dois recentes ícones de consumismo (telefone e câmara) em um só objeto. Amanhã será ter uma tela de plasma, que mesmo fazendo quase o mesmo que nosso aparelho de televisão, o faz obsoleto, pois é muito mais delgado. Depois será... isso nenhum de nós ainda sabe. Mas breve o mercado definirá. Assim, talvez este texto de agora possa nem ser mais novo que aquele outro datado de 2001, que pelo menos não é do século passado, como todos nós somos, algo que há um tempo nos fazia quase trogloditas.

Mas falar acerca de diários é falar de escrita. Parece impressionante o quanto os sentimentos do escrever têm afiliações díspares. Para aqueles de nós, envolvidos com orientação de monografias/ dissertações /teses, parece que mais recentemente têm aumentado o trabalho no ajudar a escrever – e aqui ajudar não é metafórico. Nosso trabalho, em algumas situações me evoca a alfabetizadora, tomando a mão do aprendiz e ensinando-lhe o delineamento das letras. Uma das imagens mais forte que eu tenho do meu distante primeiro ano de Escola é a professora me ensinando as difíceis volutas de certas letras maiúsculas. Sinto-me como minha professora, quando estou diante de um computador com alguns dos meus orientandos.

Mas sobre o (des)prazer da escrita encontramos situações antípodas daquelas que estão em *Cartas a Cristina* onde Paulo Freire (1994) nos diz “Escrever, para mim, vem sendo tanto um prazer profundamente experimentado quanto um dever irrecusável, uma tarefa política a ser cumprida. A alegria de escrever me toma o tempo todo”. Para mim o escrever é, como para Freire, um prazer irrecusável e eu o usufruo. Talvez por ser esse ato prazeroso, que não raro afloram culpas quando me entrego ao deleite de certo teclares. Todavia, acompanho não sem dó a síndrome da folha em branco ou, numa versão mais pós-moderna, o pânico da tela por desvirginar que vivem muitos estudantes em seu processo de escrita. Esta é uma das razões porque na versão anterior chegara a propor que escrever diários pudesse ser uma boa alternativa para vencer tal síndrome. Ratifico isso aqui.

Há já algum tempo fiz parte de uma banca de dissertação³ onde o mestrando examinou obstáculos às manifestações em linguagem escrita de licenciados de um curso de Letras, a partir de histórias de vida de estudantes.

³ CAMPAGNOLO, Antônio. *Obstáculos às manifestações em linguagem escrita: um estudo de caso a partir das contribuições de Gaston Bachelard*. (Dissertação de Mestrado, orientada por Prof. Dr. Lucídio Bianchetti). Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, 29 de agosto de 2000.

A maioria, para não dizer todas, eram histórias dolorosas. Não apareceram histórias do prazer no escrever – e, certamente, é porque essas não existiam. De uma maneira muito geral ouvimos queixas dos docentes e, não é raro, aderimos a esse coro. Também não se é original no transferir as responsabilidades aos graus anteriores. Nos Programas de Pós-Graduação há a constatação: tiveram mais de quinze anos de estudos formais e não sabem redigir. O escrever é rotulado como algo traumático. É corrente a afirmação: “já fiz os créditos; agora, só falta a tese ou a dissertação”. Mas, é quando está faltando o mais árduo ou até faltando quase tudo.

Procuro outras situações e lembro-me, então, de Feyerabend (1996, p. 178)⁴ quando diz “escrever tornou-se uma atividade muito agradável – quase como compor uma obra de arte”. Talvez devêssemos buscar explicar também porque temos estudantes que gostam de escrever e o fazem com competência. Por que há aqueles que escrevem com estilo escorreito? Aventuro-me, e permitam-me ser reducionista, a trazer uma hipótese para explicar porque o escrever é algo prazeroso para mim: o redigir diários é um facilitador do exercício da escrita. Aqui, sem a pretensão de fazer um texto acadêmico, pretendo expandir essa tese.

Enquanto examinava a dissertação antes referida, remexia baús para encontrar explicações para o meu prazer pela escrita; não encontrei momentos que pudessem ser tidos como decisivos. Há uma lição que não esqueço; foi a que me iniciou no gostoso hábito de fazer diários. Quando era aluno do 4º ano primário - era como se chamava a penúltima ano das cinco séries que antecediam o curso ginásial de quatro anos, que a reforma determinada pela Lei nº 5.692/71 reduziu aos atuais 8 anos do ensino fundamental - ouvia “nenhum dia, sem uma linha” ou, como repetia o Padre Grings, “*Nula dia, sine linea*”, já na tentativa de preparar-nos para o ensino de latim que se estudava nas quatro séries do ginásio. Há um tempo, transformei o mote para nenhum dia sem uma página de uma agenda para os registros das emoções que passam.

Mas, quando se fala em “escrever diários” trata-se de considerar a *escrita das coisas da gente*. Isso pode demandar extensas discussões. Essas podem se iniciar com os instrumentais que estes artefatos culturais podem se constituir para os psicanalistas como muito bons instrumentos para suas avaliações. Contardo Caligaris (1997) diz que “falar ou escrever de si – e nisso traz a adesão de Foucault (1980) – é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do

⁴ Sobre a obra *Matando o tempo* escrevi a resenha *O desvelar-se de um mito incógnito*. (ver *Episteme*. v.4,n.8, p.177-179, 1998).

sujeito, subordinada à sua sinceridade”. Aliás, àqueles que se dedicam ao gênero autobiografia como fonte de seus estudos dão destaque a esse tipo de escritos como valiosos por serem historicamente e culturalmente datado. Talvez seja por isso que, nós outros, não estudiosos do gênero autobiográfico, nos sentimos muitas vezes como *voyeurs*, quando lemos diários, e também porque esse gênero literário (diários e autobiografia, especialmente aquelas que são ‘confissões’ – das quais Santo Agostinho é um dos inauguradores da prática) é por demais apreciado. Hoje, há estudos historiográficos envolvendo tais textos (Viñao, 2000).

É verdade, e talvez já devesse ter dito isso antes, já que diários são textos de ‘escrever de si’ o quanto este artigo não foge a norma e por isso, também, intimista. Disso, aqui e agora, peço vênias da leitora ou do leitor. Não consegui fazer diferente, mesmo que disso tivesse recebido alerta de algumas pré-leitoras. Perdoem, se intimismo tenha deixado transparecer traços de narcisismo.

Mesmo que não seja objeto deste texto, é importante pelo menos a menção de que as formas mais modernas de se fazer diários como os *blogs* ou até as *webcam* têm merecido estudos. Há, nessas modalidades, uma significativa diferença, pois se caracterizam por um exibicionismo do autor. Rosa Oliveira (2004) apresenta um mapeamento do desenvolvimento do fenômeno dos *diários on-line* e faz uma descrição de como se processou a evolução dos diários digitais no ciberespaço, constatando-se que ela ocorre através de “ondas”. A partir da simplificação de interfaces, nasce um dos fenômenos mais importantes da cultura digital contemporânea: os *weblogs* ou *blogs*. A autora demonstra que a criação de softwares facilitaram a simbiose entre o homem e a máquina nessa cada vez mais tênue fronteira do humano,⁵ viabilizando a explosão da apropriação do diário digital em todo o mundo, especialmente como meio de expressão da subjetividade pessoal, embora essa não seja sua única função.

Acerca dessas novas modalidades de fazer diários, por exemplo, Paula Sibilia (2003) mostra uma confluência aparentemente paradoxal de duas tendências contemporâneas: a crescente *ênfase biográfica* que permeia o mundo ocidental (com sua voracidade pelas confissões e por tudo que remeta a “vidas reais”) e, paralelamente, um certo declínio da *interioridade psicológica* que caracterizou a subjetividade moderna desde seus primórdios. Para ancorar a discussão a autora escolheu como objeto de estudo duas práticas que parecem sintomáticas desses processos, pois exprimem tal paradoxo: as *webcams* e os

⁵ Em outro texto (Chassot, 2005) discuto um pouco essas quase não fronteiras entre o humano e o não humano, a partir de uma discussão acerca da oportunidade de se batizar ou não robôs.

diários pessoais publicados na Internet, uma modalidade de “escrita íntima” ou de narração auto-referente conhecida como *weblogs* ou, simplesmente, *blogs*. É de Sibilía (2003) a análise:

O fenômeno dos diários publicados na Web, com toda a sua parafernália de confissões multimídia e, especialmente, as *webcams* que transmitem “cenas da vida privada” ao vivo durante as 24 horas do dia, fornecem um prisma privilegiado para examinar este desvanecimento dessa interioridade clássica e as novas tendências exibicionistas e performáticas que alimentam os atuais processos de identificação. Os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobre tudo, ao cobiçado fato de “ser visto”. Não parece se tratar, portanto, de uma introspecção à moda antiga, ou seja: uma sondagem absolutamente privada nas profundezas enigmáticas do eu com objetivos de conhecimento de si, dos outros, da vida e do mundo. Mais do que uma carta remetida a si mesmo, fundamentalmente secreta e introspectiva, então, os “diários íntimos” da Internet constituem verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante.

Mas, o propósito deste texto é olhar o hábito na sua maneira mais tradicional. Aquele feito à mão, em livro próprio para tal. Livro que nos referimos até à maneira quase zombeteira, ou pelo menos irônica, como *meu diário* e nosso imaginário aflora como um caderno onde a expressão título está na capa em arabescos, podendo ter um *bouquet* de violeta. Perdoem-me o francesismo, mas cabe essa evocação nostálgica para dizer, também pelas flores escolhidas, que aquele livro é para registro de coisas a esconder-se como são escondidas as flores que adornam a capa. Aliás, não é sem razão que esta prática usualmente tem marcas de algo da adolescência feminina. Está é uma razão inclusive de resistência que tenho encontrado tanto entre alunas e alunos na graduação como na pós-graduação de estimulá-los a escrita de diários. Abastecido na minha crença, tenho feito algumas experiências, ao induzi-lo que façam registros memorativos de seus encontros acadêmicos. Houve, em algumas situações, conversão à idéia com significativas produções escritas.

Mas aqui quero trazer a ação de fazer diários como um dos últimos atos em que ainda fazemos produções manuscritas, sentido estrito do termo. Adiante comento algo acerca da rapidação com que se deu/dá a evolução do processo da escrita. Também é no fazer diário em que ainda exercemos o hábito de calígrafo, tão valorizado em outro tempos. Sei o quanto os modernos meios digitais oferecem recurso para escritas eletrônicas, inclusive com possibilidades de caligrafias e desenhos que desbancam essa escrita tradicional. E como quero

provar o colecionismo nessa ação, ter em uma estante enfileirado, ano por ano, os volumes gorduchos, prenhos de recortes e de emoções, parece ser a escrita tradicional a melhor essa forma ‘física’ de fazer diários, mesmo que ela possa evocar para alguns situações inusuais, como aqueles copistas medievos, cuja reprodução tenho em um lindo vitral em meu gabinete de trabalho, onde homenageio uma mulher e um homem – Hipácia e Giordano Bruno – que não tiveram outra maneira de produzir seus textos que não fosse manuscrita. É acerca desse fazer diário quase com artesanaria que falo nas páginas seguintes. Mas, trago uma outra questão, agora.

POR QUE ESCREVER DIÁRIOS?

Confesso que não sei responder essa pergunta. Talvez, se a modificasse para “por que escrevo diários?” seria mais fácil a resposta. Seria simplista: porque gosto. Acho que, como gosto de ler diários e biografias e especialmente autobiografias, gosto de escrever diários. O historiador inglês, Sir Thomas Macaulay (1800-1859), ao ser perguntado sobre sua leitura favorita, confessou: “Nenhuma leitura é tão deliciosa, tão fascinante, quanto a história minuciosa do ‘eu’ de uma pessoa”. Nicolau Sevcenko⁶ acrescenta que Macaulay, muito provavelmente estivesse a se referir si mesmo e ao seu hábito de ler e reler continuamente seu próprio diário.

Os diários, como os álbuns de fotografias, são para recordar momentos vividos. Manuseamos uns e outros para matar saudades. Diários e álbuns de fotografias são coleções de momentos de vida.⁷ Essa comparação talvez pudesse ser mais amplamente explorada neste texto. Mas a recebo quando já me excedo nas limitações quanto a extensão do texto.

Talvez o *nosce te ipso* que tanto ouvimos em nossa formação tenha a ver com esta quase obsessão de escrever e nos ler com tanta freqüência. É muito bom se ver e recordar o vivido, e parece que não há narcisismo nisso – e se houver, saberemos conviver com mais essa considerada desvirtude. Mas em diários se também escreve fracassos e estes, nem sempre trazem boas evocações.

Aliás, sempre pensei que autobiografias estivessem intrinsecamente associadas a escrever diários. Li, há não muito tempo, a de Paul Feyerabend

⁶ A fonte é a mesma que está referida na nota 1.

⁷ Agradeço a minha orientanda Vândiner Ribeiro, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Unisinos que, enquanto atenta pré-leitora deste texto, sugeriu a comparação entre uma fotografia e a página de um diário: registros de momentos da vida, que esbocei acima.

(1996 p. 11) onde o admirado e contestado autor de *Contra o Método* nos mostra sua vida com dolorosa crueza e lá vejo que, quando precisou responder a algumas interrogações sobre sua história diz: “Não é fácil responder a estas questões. Nunca escrevi um diário, não guardo cartas, nem mesmo de ganhadores do Prêmio Nobel, e joguei fora um álbum de família para dar espaço ao que então eu julgava serem os livros mais importantes”. Brinco: meus biógrafos não terão o trabalho a que Feyerabend se referia, ou talvez terão muito trabalho, pois deixarei muitos volumes de diários, muitos recortes de notícias, cartas, convites. São minhas memórias que aflorarão depois, mesmo que o destino mais apropriado de meus diários seja aquele indicado por Wilde na abertura dessas reminiscências. Brincadeiras, à parte, me pergunto se uma neta ou um neto perderá tempo com esses legados. Por outro lado, quem de nós não gostaria de ter pelo menos uma carta de um avô ou de uma avó?

Mas, me parece claro que não escrevo diários para os outros. O meu mais assíduo leitor é, e certamente ainda serei, eu. Imagino sempre que a um tempo meus escritos serão bons passatempos, pelo menos para mim. Atualmente, em algum momento de folga me permito alguns exercícios. Olho o que fazia, por exemplo, há cinco ou dez anos. E, então, não fico apenas naquele dia, vou para frente e para traz dando-me conta de quanta coisa passa a ser possível de ser rememorada exclusivamente com auxílio de algumas anotações. Há um número muito grande de fatos e feitos dos quais não lembraria se não fosse o diário.

Há não poucas situações que meus diários já foram úteis para esclarecer circunstâncias. Recordo particularmente o meu não envolvimento em uma multa de trânsito, pois tinha elementos que me diziam que naquele dia nem saíra de carro ou até para esclarecer que determinada multa ocorrera quando emprestara o carro para determinado familiar. Mas, talvez, fundamentalmente escrevo diários para matar saudades. Parece que isso me dá sobejas razões para prosseguir entusiasmado no meu fazer. Afinal parece ser decisivo rastreamos o passado para melhor projetarmos o futuro, vencendo assim um nocivo presenteísmo (Chassot: 2000, p. 167-185). Assim tendo mostrar a seguir minha maneira de fazer essa gostosa preservação do passado.

COMO ESCREVER DIÁRIOS?

Querer responder a esta pergunta é no mínimo pretensioso. Como se houvesse algumas normas e, agora, eu magistralmente as desfiasse ensinando ao leitor ou à leitora como escrever diários. Vou contar como eu faço. Se houver entre os que agora me lêem mais dois ou três escrevinhadores de reminiscências

cotidianas, muito provavelmente, teremos mais duas ou três metodologias sobre *a arte de escrever diários*. É muito provável que alguns leitores poderão apontar outros textos acerca do assunto. Sonho até que minha descrição poderá ajuda a catalisar novas descrições acerca deste quase mister.

Neste 2005, estou no meu 22º volume ininterrupto de meus diários. Tenho quase uma dezena de diários anteriores, com interregnos. Lamento existirem esses períodos vacantes. Refiro-me aqui, apenas, a estes volumes sequenciais que tenho desde 01 de janeiro de 1984. Em dezembro deste ano, pretendo completar 8 mil dias sem que nenhuma data tenha ficado sem algum relato. Essa não interrupção até o momento exigiu, em algumas situações, registros em lugares nada ortodoxos, como em Centro de Tratamento Intensivo de hospital, ou descrições de passar por mais 24 horas em um leito suplementar em um grande hospital na Europa ou em momentos bem mais agradáveis como, por exemplo, quando fomos à cidade onde havia recém-nascido mais um neto, e uma alternativa mais prática e prazerosa que encontramos para passar a noite foi em motel, e claro que o fato – o nascimento do neto, é óbvio – mereceu um adequado registro no diário.

É fácil supor quantas descrições de alegrias e tristezas há nesses vinte e dois volumes que coleciono – aqui a ação verbal é capital – em uma estante em minha biblioteca. Vez ou outra os exibo a alguma visita, que os conheciam de referências e então os manuseiam, geralmente não sem admirações. Afortunadamente, há muito mais alegrias que tristezas. Entre as frustrações estão um descasamento, as tristezas nas dores das mortes de meu pai e de minha mãe – esta sepultada num dos momentos mais indelévels para quase todos deste século 21: aquele 21 de setembro de 2001, quando do esbarrondamento das torres do WTC – de dois irmãos, dos quais um até hoje sinto não ter podido participar do sepultamento por estar no exterior – e de não poucos amigos. Alegrias há muitas: um re-adolescer com uma nova relação amorosa que teve uma linda celebração de casamento depois de 18 anos, o doutorado e também os gostosos meses madrilenos de pós-doutoramento,⁸ os livros publicados, os sucessos pessoais e profissionais dos filhos e das filhas, o advento do avonado e depois ser bi-avô quase seis anos depois, participações em concursos literários, com sucessos e insucessos – estes mais numerosos que aqueles, ou a reconquista de um local maravilhoso de morar e muitas, mas muitas mesmo, outras situações. Também há o registro de centenas de palestras

⁸ Neste período, entre outras produções, escrevi em paralelo dois livros. Um *Educação conSciência* (Chassot 2003a) e um outro que, em oposição aos meus sonhos, certamente permanecerá inédito – *Escrituras das/para as horas de recreio* – optei por fazer-me memorista. Conto ali as muitas (a)venturas dos tempos na Espanha em 2002.

que dei nesses anos, geralmente com logo da instituição que me acolheu. Em 2004, organizei um quadro só de dezenas de palestras que fiz em diferentes estados da federação só em consequência do livro que tem um título no mínimo provocante: *A Ciência é masculina?* (Chassot, 2003b). Envolvimentos em pleitos e resultados eleitorais têm registros tanto entre as alegrias como nas tristezas. Também as decepções políticas amargam em algumas páginas. Estão nos diários referências à escrita em 2004 e 2005 de já quase meia centena de resenha para um sítio da rede de computadores e destas resenhas ter duas dezenas transformadas em boletins de duas emissoras de São Paulo, algumas das quais me rendendo livros como prêmios estão no meu diário. Por falar em livros, no diário também são celebrados atingir de certas marcas no registro do catálogo eletrônico de minha biblioteca. Espero nos próximos dias fazer o 2.500º registro.

Cada ano, desde 1984, os volumes anuais são formados por agendas de preferência destas em que cada dia já tem imprimido a data, com um mínimo de informações. Há uma exigência importante: que o sábado e o domingo não sejam de apenas ½ página, como a maioria das agendas. Assim, na agenda escolhida para o ano – e a escolha me envolve desde o começo de dezembro –, cada dia deve ter uma página. Tenho comigo uma “obrigação contratual” de em cada dia fazer registrar a página diária. O melhor modelo é aquele que após cada domingo tenha uma página em branco, para receber colagens ou registros suplementares da semana. Sem fazer aqui comerciais, as agendas das Edições Paulinas e Paulus são usualmente as preferidas, até porque, sem poder precisar explicações, gosto de saber qual é o santo do dia. Como elas são dirigidas ao clero, as páginas de domingo são inteiras. Como curto usar canetas de diferentes cores, a textura do papel interfere muito na escolha.

Usualmente a página diária não é escrita toda no final do dia. Há, na sua maioria, um ou dois micro registros por dia. O primeiro deles faço, geralmente, na abertura do dia, registrando expectativas, como por exemplo, o que será aquele dia onde, usualmente, saio pelas 7h e chego depois das 23h, com três turnos de atividades na Universidade ou sonhos com a chegada do fim-de-semana. Às vezes, quando tenho uma saída à noite, que promete merecer posteriores evocações, deixo um espaço para registro do evento noturno, para o dia seguinte. Assim cada página comporta os relatos *do dia*, não sendo feitos todos necessariamente no dia. Mas repito, há registros a cada dia.

Muitas páginas têm colagens de resenhas de filmes assistidos, um ingresso de teatro ou uma passagem de ônibus ou um cartão de embarque de viagem aérea ou ainda um bilhete especial recebido. Certas datas, como por exemplo, cada dia 25 – que marca o início de uma bonita história de amor que neste abril de 2005 completou 216 meses ou 18 anos tem uma chamada especial.

Não é sem razão que se diz que estes diários são práticas de adolescentes e é muito bom adolecer quando já se é, há um tempo, sessentinha.

Há ainda, em cada um dos volumes anuais, algumas informações mais gerais. Por exemplo, no último dia de cada ano o diário recebe um *termo de encerramento*, que pode incluir um balanço anual. Assim, há alguns volumes que registram comentários dos livros lidos no ano, dados de principais viagens, alguma aquisição significativas.

Não faço seleção sobre o que registro. Escrevo sobre bônus e ônus. Tenho o privilégio de viver situações usualmente agradáveis. As coisas menos boas são raras, mas quando estas ocorrem também ganham registros. Como não tenho leitor imediato, não há porque censurar certos escritos, assim muitas vezes escrevo sobre coisas mais íntimas. Quando tive câncer, há quase seis anos, houve relatos de apreensões, especialmente acerca de possíveis seqüelas.⁹ Hoje, quando isso é relido tenho uma gostosa sensação de vitória.

Há relatos de algumas tensões que ocorrem na Academia, especialmente dos quatro anos em que fui coordenador de um Programa de Pós Graduação e tive muitas dificuldades em ser um líder em um céu com muitas estrelas; nos registros há especulações acerca de radicais transformações que houve na Universidade onde trabalho. Estas, todavia, não me ocupam muito. Poucas vezes redijo alguma informação sob forma cifrada e como também não tenho desafetos (assim imagino e espero), não uso codinomes para me referir a alguém. Tenho muitas siglas, em geral para citar locais que ocorrem com freqüência, que são identificáveis abreviadamente por economia de espaço. Assim, nestes tempos de diários já morei na OP, na VG, na SA, na LP e agora moro na MA que significa Morada dos Afagos; minha esposa mora no NBQ, que significa *Ninho do Bem Querer*.

Nestes 22 anos, houve muita evolução no escrever e no “fazer os diários” sendo todavia, uma das poucas atividades escritas que ainda faço sem o uso do computador. Escrevi um texto (Chassot, 1996) onde celebro meus 50 anos de escrita. Ali dou asas ao ser memorialista e falo desde a minha alfabetização em uma lousa até o suave teclar em computador. Uso computador desde 1989, e opero o mouse com a esquerda, porque ainda nos começo dos anos 90, não se usava nem mouse nem disco rígido. Quando comecei a usar mouse, a mesa não tinha, no lado direito, espaço para o *mouse-pade*, o que me obrigou, quando passei a usá-lo, a colocá-lo no lado esquerdo. Mudei de editores de texto no

⁹ Então as páginas do diário foram insuficientes para ‘*minha escritaterapia*’. Para superar as limitações de espaço, escrevi o livro “*Uma rapsódia prostática*” - mais um daqueles inéditos -, que já teve versões domésticas usadas por alguns em momentos singulares.

período: comecei com o ChiWriter, por uns anos fui fã do AmiPro, mas acabei me rendendo ao império do Bill Gates é já estou na minha quarta ou quinta versão do Word. A síndrome da neopatia aflora com determinação nos artefatos tecnológicos relacionado com a informática. Dou-me conta que é no fazer diários, que faço meus quase únicos momentos de escrita manual, na maioria dos dias. O manuscrito, em seu sentido etimológico, é algo quase em desuso para mim. Já pensei em fazer diário sob forma eletrônica, mas felizmente nisso não quero ser pós-moderno, até porque, como afirmei antes, quando referi o suporte de minha alfabetização, sou – e isso não é metafórico – um homem da idade da pedra, em termos de escrita. Talvez, por isso prefiro manter-me medieval, como os copistas medievais que Umberto Eco nos mostra em *O nome da rosa*.

Como está na frase que elegi para epígrafe deste texto, meu diário é uma peça inseparável em qualquer viagem. Ter um cartão do hotel colado quando faço o registro do dia tem sido útil para fazer uma nova reserva ou para voltar a contatar para saber se não foi localizado algo que esqueci. Viagens de férias já ganharam diários especiais paralelos e sobre estes caberia um extenso relato sobre quantas madrugadas passei colando informações turísticas e fotografias. Tenho colecionado alguns volumes de nossas viagens a Europa, a África, a Ásia. De todas as viagens as mais impactantes ainda são as que fizemos primeiro ao Peru e a Bolívia e depois ao México. Tenho escrito sobre minhas releituras sobre civilizações pré-colombianas a partir destas viagens, que se originou em um novo capítulo em um dos meus livros (Chassot, 2004). Tenho redigido excertos a partir destes diários de viagens que sonho um dia enfeixá-los em forma de um livro de viagem.

Quando da versão primeira deste texto (Chassot, 2001) tinha como meta entusiasmar leitores no gostoso hábito de *fazer diários*. Não sei se consegui estabelecer alguma cumplicidade com alguém, mas continuo um sonhador com a vitalidade do binômio escrita-leitura. Dizia, então, que tinha a expectativa de que surgissem diferentes dimensões sobre esta tão significativa invenção que faz dos humanos animais distinguidos: a escrita. Aquele texto teve como consequência uma entrevista para a edição dominical de um jornal diário e uma outra revista solicitou autorização para republicá-lo. Não sei se houve algum leitor que se iniciasse na arte de fazer diário. Mas acredito que a mesma possa ser um facilitador para as necessidades de nossas escritas acadêmicas. Mas aqui devo tentar trazer pistas para minha tese inicial, acerca dos diários como uma prática de colecionamento.

E FAZER DIÁRIOS É UMA FORMA DE COLECIONISMO?

Meu prólogo foi uma tentativa de facilitar a abertura do texto. Agora, quando chego à clausura, restam algumas das interrogações ali trazidas. Dizia, então que a maioria delas esperava que respondidas fossem em outros textos desta revista, até porque me falta autoridade na área. Resta-me tentar cumprir um propósito deste texto: fazer diário pode ser considerado uma forma de colecionismo? Fico nessa para que não me seja recordado o dito de Apeles a um crítico de sua obra, que ao ver reconhecida a observação que fizera de uma fivela na sandália, quis também criticar o manto: “Ó sapateiro, não vás além das chinelas!”

Para tal basta-me tentar responder antes a primeira das perguntas da abertura: O que é colecionismo? O Dicionário Aurélio Eletrônico, versão 2.0 de novembro de 1997, e o Aurélio Século XXI, versão 3.0 de novembro 1999, não registram o verbete colecionismo (somente os verbetes ‘colecinação’ e ‘colecionamento’), como também as versões mais atuais dos corretores do Editor de texto Word a desconhecem. O Dicionário Eletrônico Houaiss, versão 1.0 de dezembro de 2001, define assim colecionismo: ‘prática de colecionar objetos de certo tipo, por gosto, passatempo, obrigação profissional (...)’ e tem a palavra datada pela primeira vez em 1980. Talvez, nessa dicionarização, o inusitado seja ‘obrigação profissional’, até porque sempre associamos a prática de colecionar a passatempo ou um deleite pessoal, ou como estudam alguns, fazendo associação a uma mania obsessiva. Já anunciei na abertura que reservaria essa última análise àqueles que estudam nossas mazelas. Aceitando a acepção posta como ‘obrigação profissional’, um ‘museólogo’ ou um ‘arquivista’, por exemplo, são praticantes do colecionismo. Seriam então esses e outros profissionais enquadrados como portadores de uma *mania obsessiva*?

Assim falar em mania de colecionar pode admitir discussões desde a acepção¹⁰ “hábito extravagante; prática repetitiva; costume esquisito, peculiar; excentricidade” até aquelas definições caracterizadas psicopatologia que dizem ser “quadro mórbido caracterizado por um humor alegre e otimista desmotivado, acompanhado de sentimentos de bem-estar físico ilimitado, de uma superestima e uma necessidade de atividade globalmente aumentadas, com frequência gerando comportamentos incontrolados e desinibidos, aumento de excitabilidade e de irritabilidade, agitação psicomotora” mesmo sabendo que na psicopatologia está abandonada a acepção de mania como “todo e qualquer estado de excitação psíquica”.

¹⁰ As acepções aqui trazidas são aquelas dicionarizadas pelo Houaiss na versão antes referida.

De minha infância a minha adolescência lembro de alguns de meus colecionamentos: caixas de fósforos, a época que estas se tornaram suporte de propaganda; lápis, onde me recordo de um que tinha uma circunferência talvez com uns dois centímetros de diâmetros é era o rei da coleção; estampas Eucalol^{11,12}, onde aprendi muita geografia e história; flâmulas de clubes e colégios, que enchiam uma parede do meu quarto; figurinhas de bala, quando quase completei um álbum que ainda tenho; santinhos, de uma série que era identificada por sigla misteriosa AR/depZ, que me fazia mexer nos devocionários das beatas à cata dos números que faltavam; e, evidentemente, selos, considerando-me um filatelista estudioso, que ainda na idade adulta, já professor, religiosamente – ou para guardar o tom: maniacamente –, ia aos Correios nos dias de lançamento para conseguir carimbo do primeiro dia de circulação. Ainda hoje coleciono alguns suplementos de jornais ou edições significativas de algum jornal. Mão vou referir aqui as coleções de cartas de

¹¹ Em 1924 foi inaugurada, no centro do Rio de Janeiro, uma empresa que lançou inicialmente o sabonete *Eucalol* e mais tarde a pasta de dentes e o talco. Os sabonetes que eram até então aqui fabricados eram na cor rosa ou branca, e o *Eucalol*, por ser derivado do eucalipto, era na cor verde, o que acarretou uma razoável rejeição dos consumidores com conseqüente pouca venda. Inicialmente tentaram conquistar o público com um concurso de poemas tendo por tema o sabonete EUCALOL, tendo os vencedores com prêmios em dinheiro e mais as menções honrosas sido publicados na Revista Fon-Fon em 1928. Mesmo assim as vendas do sabonete EUCALOL não eram satisfatórias, e os proprietários lembraram-se das estampas *Liebig* que tanto sucesso faziam na Europa e resolveram lançar as *Estampas Eucalol*, convidando o público a colecioná-las com um anúncio publicado no suplemento do jornal “A Noite” em 11 de junho de 1930. O sucesso foi estrondoso, crianças e adultos colecionavam as estampas impulsionando as vendas do sabonete e a empresa crescia vertiginosamente. A modesta perfumaria cresceu e a empresa alterou a razão social para *Perfumaria Myrta S/A*. As primeiras séries das *Estampas Eucalol* tiveram temas bem brasileiros: *A Vida de Santos Dumont*, *Episódios Nacionais*, *Produtos do Brasil*, *Cachoeiras do Brasil*, *Aves do Brasil* intercalados com outros temas de âmbito universal como *Don Quixote* e *Compositores Célebres*, e nesta última incluíram *Carlos Gomes*. De 1930 a 1957, ano em que foram emitidas as últimas estampas, houve 54 temas distribuídos em 2.400 estampas. Uma série bonita é a dos *Uniformes do Brasil* desde 1730, publicada com autorização do Ministério da Guerra. Séries como *História do Brasil* e *Lendas do Brasil* eram usadas em escolas pelo Brasil afora como material didático. As *Estampas Eucalol* são as estampas mais importantes da América Latina, encontrando-se colecionadores das mesmas em vários países do Hemisfério Sul. Fizeram parte da vida brasileira durante quase 30 anos, deixando marcada sua presença nas gerações que as vivenciaram. A fonte de parte desta nota é Samuel Gorberg (ver nota seguinte) e está no sítio http://www.brasilcult.pro.br/eucalol/estampas_eucalol/eucalol.htm, acessado em 26 de maio de 2005.

¹² Em diferentes sítios da rede www há oferta de estampas *Eucalol*, sendo que algumas são ofertadas por valores que chegam a diferir em até 100 vezes entre diferentes estampas. Há também um livro sobre o assunto: **“Estampas Eucalol” de Samuel Gorberg, ed. do autor, Rio, 2000, 174p**

amor, que a cada desenlace de um caso iam para a fogueira como os livros na Inquisição. Neste mesmo número da *Episteme*, estou apresentando uma resenha procurando evidenciar o quanto o amor pode catalisar colecionismo.

Talvez devesse mencionar outro ‘objeto’ de colecionismo muito recente. Como fazemos a armazenagem de mensagens eletrônicas. Ao lado daquele número muito grande que colocamos no lixo, há muitas que ficam arquivadas em diferentes pastas. Só a leitura algumas mensagens, acumuladas já há mais de cinco lustros, daria para recordar algumas histórias. Mas por enquanto, parece que se está envolvido em coleções materiais.

Não sei se trata de coleção, mas na minha biblioteca tenho um setor de livros raros e preciosos, onde um *alcorão* manuscrito do século 17 é meu maior tesouro, junto com o *Livro vermelho de Mao*, comprado em um sebo da China e algumas primeiras edições de livros importantes ou livros que usei em meus anos de formação, como a *Seleta em Prosa e Verso* e os livros de latim das quatro séries do ginásio: *Ludus Primus*, *Ludus Secundus*, *Ludus Tertius* e *Ludus Quartus*. Tenho um *Ari Quintela*, do 3º científico, que foi o livro que usei para preparar a minha primeira aula de Matemática, que ministrei em 13 de março de 1961.

Queria voltar ao colecionismo como mania. Assim, quando dizemos que o colecionismo é uma mania muito espanhola, que também está em Portugal, associada à compra de jornais, o que é esta *mania*? Esta ‘mania’ é muito bem aproveitada, ou melhor estimulada, ou melhor ainda, explorada, pelos grandes jornais, especialmente para fidelizar leitores de segunda a sexta-feira. E há coleção de tudo que acompanham os jornais: modelos de automóveis ou de aviões, de miniaturas de sapatos ou de instrumentos musicais, bonecas de todo mundo e roupas históricas. Há também aquelas coleções destinadas ao público infantil. Acompanhei, na Espanha, o desaparecimento da centenária peseta; isso determinou o lançamento de pelo menos duas coleções de 40 diferentes bilhetes monetários, reproduzidos com apurada técnica e distribuído “gratuitamente” por dezesseis semanas por um dos principais jornais. Também se cativa muito especialmente leitoras para formar livros de receitas culinárias partido da coleção de fascículos; ou leitores, na coleção livros de jardinagem. No Brasil a prática não inédita: quando os jornais ‘distribuem’ com suas edições coleções de livros, CDs de músicas ou filmes famosos em DVD. Acerca do quanto isso possa se constituir uma mania (psicopatológica) não sou competente para discutir.

Volto à pergunta: e a ‘mania’ de fazer diário é uma forma de colecionismo? Disse neste texto que coleciono – e a ação foi, então, sublinhada – vinte e dois volumes de diários em uma estante em minha biblioteca. Conte também como são construídos esses artefatos culturais. A resposta *sim*, a esta pergunta

poderá ser um *sim* mais enfático quando relatar o que ‘adornam’ a maioria de cada um dos quase 8 mil dias feito registro de histórias. Bandeirinha de um país visitado, entradas de concertos, teatros e cinemas (com micro-resenha recortada de jornais, logos de instituições (universidades, museus...), marcas de eventos, e excertos de programas (especialmente com minha participação), cartões de hotéis, ‘cola’ de cédulas eleitorais e outros papéis que podem ser até o invólucro de uma bala. É natural que esse amearhar vai engordando a agenda que começa delgada em primeiro de janeiro.

Assim, talvez com a adesão de cada uma e cada um dos leitores deste texto se pudesse afirmar isso é fazer coleção. Eu pelo menos acredito na assertiva: a ‘mania’ de fazer diário é uma forma de colecionismo.

BIBLIOGRAFIA

- CALLIGARIS, Contardo. 1997. Verdades de autobiografias e diários íntimos” disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf, acessado em 20/05/2005
- CHASSOT, Attico. Sobre o ferramental necessário para o trabalho de escrever. *Estudos Leopoldenses* v.32, n. 148, p.37-55, 1996.
- CHASSOT, Attico. *Alfabetização científica : Questões e desafios para a Educação*. Ijuí : Editora Unijuí, 2000
- CHASSOT, Attico. Sobre a arte de escrever diários. *Entrelinhas*, v.1, n.1. p.11-15, 2001
- CHASSOT, Attico. *Educação conSciência*. Santa Cruz do Sul : Editora Unisc, 2003a.
- CHASSOT, Attico. *A Ciência é masculina?* São Leopoldo : Editora Unisinos, 2003b.
- CHASSOT, Attico. *Ciências através dos Tempos*. 16ed. São Paulo : Moderna, 2004
- CHASSOT, Attico. *A Educação nas Fronteiras do Humano e as relações curriculares*. In: IV Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo : Unisinos, 2005 (submetido).
- FEYERABEND, Paul. *Matando o tempo*. São Paulo : Editora da Unesp, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro : Graal, 1980.
- FREIRE, Paulo, *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1994.
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. 2004. De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-de-onda-onda.pdf> acesado em 20/05/2005
- SIBILIA, Paula. 2003. A intimidade escancarada na rede: *blogs* e *webcams* subvertem a oposição público/privado, Disponível em www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP08_sibilia.pdf, acessado em 20/05/2005
- VIÑAO, Antonio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipologías y usos. Rio de Janeiro, *Teias-Revista da Faculdade de Educação* da UERJ, n. 1, p. 82-97, 2000.